

O MOSTEIRO DE SANTA CLARA E O SEU CONTRIBUTO PARA O DESENVOLVIMENTO URBANO DE ÉVORA – PORTUGAL

MARIA FILOMENA MOURATO MONTEIRO¹

Câmara Municipal de Évora

email: fmonteiro@cm-evora.pt

MARIA DO CÉU SIMÕES TERENO²

Universidade de Évora

MARÍZIA CLARA DE MENEZES DIAS PEREIRA³

Universidade de Évora

Resumo: O mosteiro de Santa Clara, fundado no século XV, localizou-se numa área da cidade já fortemente condicionada urbanisticamente. Com a sua construção o espaço em redor, sofreu não só um desenvolvimento, mas principalmente uma consolidação urbana. Foram determinantes para o número de religiosas que professaram nesta casa, assim como seu nível social, a situação de proximidade de algumas casas senhoriais importantes.

Palavras-chave: Évora; mosteiro de Santa Clara; desenvolvimento urbano.

THE MONASTERY OF SANTA CLARA AND THEIR CONTRIBUTION TO THE URBAN DEVELOPMENT OF ÉVORA – PORTUGAL

Abstract: The Santa Clara monastery, founded in the 15th century, was located in an extremely conditioned area of the city, in terms of urbanism. With its construction, the surrounding space underwent not only a big development, but mainly urban consolidation. The proximity to some important stately houses was determinant to the number, and the social level, of the nuns that professed in this house.

Keywords: Évora, Santa Clara monastery, urban development.

O Mosteiro de Santa Clara foi fundado de raiz, escassos anos após a formal institucionalização de uma anterior casa de recolhimento feminina, o Mosteiro de Santa Mónica. O novo cenóbio de clarissa passou a proporcionar em Évora a existência segura de “vagas”, isto é, disponibilidade de acesso a todas as jovens e senhoras que quisessem professar nesta cidade do interior peninsular (Fig.1).

Essencialmente até ao século XV, a permanência frequente do rei na cidade, por períodos não raras vezes longos, propiciava as estadias da corte, e de todo um séquito de familiares de sangue nobre.

A colocação nas casas religiosas eborense de membros femininos de tais agregados familiares era uma solução que agradava a todos: às casas religiosas pois assim eram-lhes mais facilmente facultadas doações avultadas e a protecção de patronos influentes; às senhoras e jovens que com à proximidade dos familiares lhes era mais fácil de obter uma estabilidade emocional e económica que iria facilitar a adaptação ao novo modo de vida e sequente decisão de ingresso na vida de clausura; aos familiares pois assim

¹ Arquitecta, Departamento do Centro Histórico, Património e Cultura, Câmara Municipal de Évora.

² Professora Associada, Departamento de Arquitectura, Universidade de Évora.

³ Professora Associada, Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Universidade de Évora.

garantiam uma vida digna aos seus parentes do sexo feminino, sem avultados reveses patrimoniais no seio familiar. Refira-se contudo que muitas vocações religiosas, de início limitadas, foram sendo reforçadas através de uma vivência dedicada à religião.

Situava-se a nova casa monástica numa zona assumidamente nobre da cidade, aliás representada na iluminura do foral manuelino (Fig.2), contrariamente à da anterior fundação feminina que se localizara em área notoriamente mais popular e imediatamente confinante com a segunda mouraria medieva da urbe⁴.

O local cedido para a instalação deste mosteiro foi um terreno maioritariamente ocupado com construções em ruínas de uma antiga casa senhorial. A área envolvente encontrava-se em grande parte igualmente ocupada, situando-se para nascente o Arrabalde medievo de Santo Antoninho, para sul a área da Judiaria e mais distante, para norte, o Arrabalde de S. Domingos (Figs. 3 e 4).

Localizando-se este cenóbio imediatamente anexo à via que liga, ainda actualmente, a principal porta da cidade à mais importante praça da urbe⁵ (Figs. 5 e 6), e possivelmente devido a tal facto, o espaço em redor do complexo monástico, sofreu não só um desenvolvimento notório mas principalmente uma consolidação urbana acentuada (Figs. 7, 8 e 9). Como consequência verificou-se a abertura de novas vias secundárias que permitiram uma densificação do tecido urbano.

O rápido aumento do número de religiosas no complexo monástico conduziu à ampliação das instalações, inclusive da cerca monástica, área indispensável numa casa de clausura como era esta à data⁶.

De tal situação resultou a sequente necessidade de alteração do traçado de uma antiga e importante via que ligava as zonas de Santo Antoninho, situada para nascente, à dos Penedos, localizada para poente, área imediatamente confinante com a muralha fernandina⁷.

Tangencialmente, a sul da casa monástica, situa-se ainda actualmente a artéria constituída pela Praça de Giraldo (antiga Praça Grande ou Praça do Pão), Rua Serpa Pinto (antiga Rua de Alconchel) e Largo das Alterações (antigo Terreiro das Portas de Alconchel). Este eixo efectuava nos séculos XIV/XV a articulação directa entre a primitiva Porta de Alconchel, localizada na Praça de Giraldo, e a segunda Porta de Alconchel, no Largo das Alterações (Figs. 10, 11 e 12).

4 O mosteiro de Santa Mónica foi anterior recolhimento de beatas que devido às limitações emanadas da Igreja, assim como pressões da sociedade civil eborense, se viram forçadas a integrar Ordem religiosa instituída ficando assim sob a alçada dos frades do convento masculino dessa Ordem, e indirectamente da Igreja como instituição religiosa. De salientar que a população de Évora se manifestou por várias vezes nas *Cortes* no intuito de os poderes à data instituídos na cidade obrigarem as mulheres que viviam em recolhimento religioso, isoladas em suas casas, a integrar Ordem provada. O controlo religioso destas mulheres era assunto de importância capital para qualquer urbe medieva, logo importante para Évora.

⁵ Respectivamente primitiva Porta de Alconchel e actual Praça de Giraldo (antiga *Praça Grande* ou *Praça do Pão*).

⁶ Para além da cerca pequena local onde as religiosas podiam desfrutar de alguma liberdade, continuando contudo isoladas do mundo exterior, a cerca maior era essencial para a sustentabilidade do mosteiro. O abastecimento com alimentos frescos das cozinhas, nomeadamente com fruta, legumes e ovos, era essencial para a subsistência da comunidade religiosa tendo em conta que esta, embora mendicante, estava condicionada pela clausura.

⁷ Aqui a reestruturação viária de toda a área foi notória, e conseguida eficazmente pela casa religiosa provando que embora muito próxima da principal área cívica da cidade extramuros – a actual Praça de Giraldo – o espaço seria área pertença de famílias pouco influentes, ou então suficientemente crentes para doarem terrenos para a nova via assim como permitirem a reformulação cadastral das parcelas urbanas então certamente já aí constituídas: o antiquíssimo arrabalde de St^o. Antoninho o qual remontaria aos séculos XIII/XIV.

O poder do Mosteiro de Santa Clara a nível de relacionamento com a cidade foi grande, ao ponto de ter conseguido viabilizar, em época posterior, a ampliação do limitado espaço de que até então dispunha o mosteiro de clarissas, através da anexação de terrenos, e inerente eliminação de uma importante via urbana medieva. Uma segunda ampliação do espaço monástico, que se mostrou rapidamente essencial de realizar, ficou contudo inviabilizada devido ao traçado da Rua do Alfeirão a qual subsistiu, mantendo o seu perfil original, por razões que se desconhecem⁸.

Da toponímia da época, com influência deste antigo mosteiro feminino de clarissas, pouco perdurou. Embora tardia, refira-se a Rua de Santa Clara, que iniciando na Rua Serpa Pinto (antiga Rua de Alconchel) termina na portaria monástica, local de arranque da Rua de S. Domingos (Fig.13).

Relativamente às áreas envolventes ao antigo mosteiro elas estão progressivamente a ser alvo de empreendimentos urbanísticos que densificam mais uma vez um tecido urbano já demasiadamente consolidado. São casos exemplificativos os das pequenas construções térreas habitacionais, que são ampliadas a nível de logradouro e às quais genericamente é-lhes acrescentado piso superior descaracterizando-as grandemente. Igualmente refira-se que as antigas casas senhoriais situadas nas imediações, estão a ser subdivididas, através da constituição de condomínios, e ampliadas com a edificação dos seus antigos quintais e jardins.

O antigo mosteiro de Santa Clara, ainda hoje marcante construção na imagem urbana de Évora é actualmente utilizado como equipamento da rede pública escolar. Garante assim, com este tipo de utilização, uma afluência diária notória de população jovem, assegurando uma grande dinâmica urbana nesta área da cidade. Igualmente interliga-a activamente com as restantes zonas urbanas situadas no centro histórico amuralhado, maioritariamente local de residência dos estudantes deste estabelecimento de ensino secundário (Fig.14)⁹.

Uma dinâmica tão activa, a nível de confluência de população, não deixa morrer na memória dos eborenses esta antiga casa monástica que durante mais de 440 anos foi ocupada por sucessivas gerações de religiosas.

Siglas

BPE – Biblioteca Pública de Évora
CME – Câmara Municipal de Évora
ME – Misericórdia de Évora

Bibliografia

⁸ Nesta segunda pretensão para a ampliação da casa religiosa não foi suficiente o poder inerente, quer à Igreja quer à Ordem franciscana, pressupondo-se que a área em questão seria propriedade de família poderosa, suficientemente forte para não se sujeitar a uma “doação” forçada do património familiar à Ordem religiosa. De referir que ainda hoje este espaço, situado entre S. Domingos e o referido arruamento, possui um cadastro de dimensões amplas, induzindo a existência de construções significativas.

⁹ De salientar que em planta datada de 1945, que faz parte do Ante Projecto do Plano de Urbanização de Évora da autoria do arq^o. Étienne de Groer, já o antigo espaço monástico se encontrava confinado aos actuais limites. À data era também já reconhecida a sua importância não só como conjunto histórico de relevante interesse, mas também o seu enorme valor como equipamento colectivo que dinamizaria toda esta vasta área da cidade antiga amuralhada.

- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, vols I-IV, Portucalense Editora, Porto, 1967.
- BEIRANTE, Ângela, *Évora na Idade Média*, «Textos Universitários de Ciências sociais e Humanas», Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, 1995.
- BOAVIDA-PORTUGAL, Luís Manuel Gomes, *Os Centros Históricos numa estratégia de conservação integrada. Contributos para o estudo do processo urbano recente do centro histórico de Évora*, tese de doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico apresentada à Universidade de Évora, 2003, policopiado.
- CAEIRO, Elsa, *Os conventos do termo de Évora*, tese de doutoramento apresentada à Universidade de Sevilha, 2005, policopiado.
- CARVALHO, Afonso de, *Da Toponímia de Évora, dos meados do séc. XII a finais do séc. XIV*, vol. I, Edições Colibri, Lisboa, 2004.
- CARVALHO, Afonso de, *Da Toponímia de Évora, séc. XV*, vol. II, Edições Colibri, Lisboa, 2007.
- ESPANCA, Túlio, Inventário Artístico de Portugal – Concelho de Évora, vols. I e II, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1966.
- ÉVORA, Câmara Municipal de, *Riscos de um século, memórias da evolução urbana de Évora*, Évora, 2001.
- MONTEIRO, Maria Filomena, *Sistema monástico-conventual e desenvolvimento urbano de Évora na Baixa Idade Média.*, tese de doutoramento em Arquitectura apresentada à Universidade de Évora, 2011, policopiado.
- Rol das ruas antigas de Évora*, séc. XVII, B.P.E., Manizola, cod. 73, nº 26.



● Localização da cidade de Évora

● Priego de Córdoba

Fig. 1. Península Ibérica. Mapa do século XVIII, gravado em cobre e pintado à mão.
(doc. base: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Iberian_Peninsula_antique_map.jpg)



Fig. 2. Vista poente da cidade. Iluminura do segundo foral desta cidade datado de 1505
(doc.: C.M.E.).

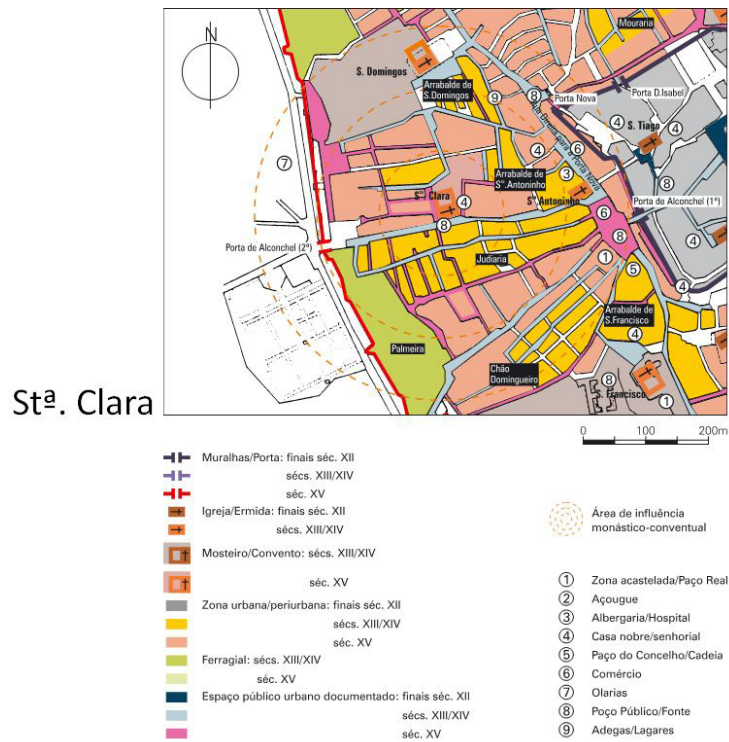


Fig. 3. Mosteiro de Santa Clara. Sobre planta do séc. XIX, evolução urbana da envolvente (reconstituição).



Fig. 4. Mosteiro de Santa Clara e área envolvente (doc.base: mapa Google; 2010).

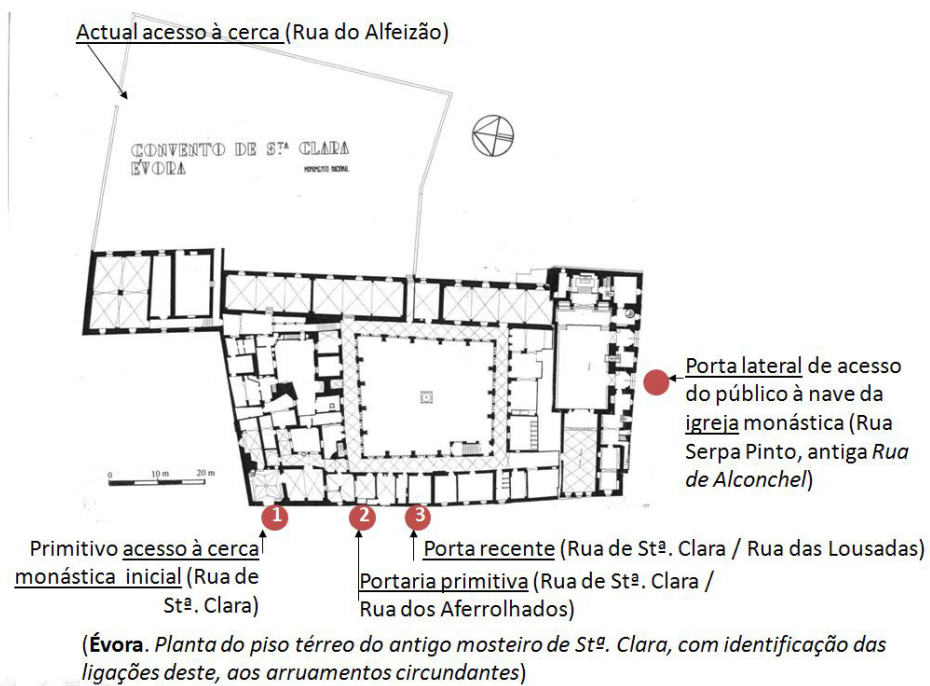


Fig. 5. Planta do piso térreo do antigo Mosteiro de Santa Clara, com identificação das ligações deste aos arruamentos circundantes (a partir de dois docs. avulsos, bases: C.M.E.).



Fig. 6. Praça de Giraldo (foto base: 1997; C.M.E.).



Fig. 7. Rua Serpa Pinto (foto base: 1997, C.M.E.).



Fig. 8. Rua Serpa Pinto (foto base: 1997, C.M.E.).



Fig. 9. Rua Serpa Pinto (foto base: 1997, C.M.E.).



Fig. 10. Antigo Mosteiro de Santa Clara (foto base: 1997, C.M.E.).



Fig. 11. Extracto de planta datada de Fevereiro de 1884 com reconstituição da área monástica e envolvente de Santa Clara (planta base: avulsa; M.E.).



Fig. 12. Extracto do Ante projecto do Plano de Urbanização de Évora (planta base: 1945; C.M.E.).



Fig. 13. Praça da cidade amuralhada (planta base: C.M.E.).



Fig. 14. Vista aérea da cidade (foto base: 1997, C.M.E.).